

Gemini Lib(e)ri para Ovídio: os *Tristia* / *Tristezas*, de tese a livro¹

Júlia Batista Castilho de Avellar²

Resumo: Este trabalho apresenta um relato sobre o processo de tradução dos *Tristia*, de Ovídio, para o português e sua posterior publicação em livro. Partindo do entendimento da tradução como interpretação (MARTINDALE, 1993, p. 75), discuto o processo tradutório em estreita relação com a análise literária, de modo a evidenciar que a tradução efetuada dos *Tristia* se fundamentou na ideia de uma “teoria ovidiana da literatura” (AVELLAR, 2019; 2023), constituída com base nos comentários e reflexões metapoéticos de Nasão nos versos de exílio. Estendo essa ideia para apresentar também as concepções envolvidas na publicação do texto traduzido como livro. Ao fim, proponho uma breve teorização da tradução com base nas metáforas da metamorfose e do diálogo, temas recorrentes nos versos ovidianos de exílio.

Palavras-chave: Ovídio. *Tristia*. *Tristezas*. Tradução. Metapoesia.

Introdução: um percurso de dois lustros de *Tristezas*

A ideia de traduzir e estudar os *Tristia* (*Tristezas*), de Ovídio, nasceu primeiramente em 2013, quando eu me preparava para ingressar no processo seletivo para o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais (Pós-Lit/UFMG). Além do fato de essa primeira coletânea ovidiana de poemas de exílio ser considerada a obra fundadora da chamada “lírica

1 Enquanto relato de um percurso acadêmico e tradutório, este artigo retoma de forma sintetizada, ao modo de uma breve apresentação, ideias que já explorei anteriormente, de forma mais detalhada, em minha dissertação de mestrado (AVELLAR, 2015), em minha tese de doutorado (AVELLAR, 2019) e no livro publicado que resultou da tese (AVELLAR, 2023).

2 Professora Adjunta de Língua Latina, Literatura Latina e Filologia Românica no Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (ILEEL/UFU). Doutora em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (Pós-Lit/UFMG).

de exílio” na tradição ocidental,³ meu interesse pelos *Tristia* provinha, sobretudo, do incômodo gerado pelas leituras biografistas que a fortuna crítica frequentemente lhes atribuiu. Com base na interpretação literal das afirmações do eu poético Nasão (homônimo do autor, Públio Ovídio Nasão), a obra foi amiúde avaliada como uma ruptura em relação às produções ovidianas anteriores e uma manifestação do declínio e da perda de habilidades do poeta em razão do banimento.

Em contraposição a esse tipo de abordagem, minha proposta de pesquisa buscava assinalar a importância da ironia na poética ovidiana e investigar o jogo ficcional que perpassa a obra, de modo a identificar e analisar as diferentes máscaras assumidas pelo eu poético dos *Tristia* e, também, os múltiplos sentidos de seu texto, que joga, precisamente, com as tensões entre realidade e ficção. Nesse momento inicial de conhecimento e aprofundamento sobre os *Tristia*, dois inspiradores estudos acadêmicos constituíram o marco primeiro de minhas leituras e investigações: a tese de Patricia Prata (2007), que analisa a intertextualidade dos *Tristia* com a *Eneida*, de Virgílio, de forma a apresentar uma série de elementos responsáveis por tornar Nasão um *alter Aeneas*, mas como herói épico às avessas; e a dissertação de Daniel Carrara (2005), que aborda a estruturação retórica da longa elegia do livro II dos *Tristia*, analisando também seus recursos e figuras retóricas e colocando em realce as ambiguidades e ambivalências presentes nesse poema. Embora voltados para abordagens e perspectivas distintas a respeito dos *Tristia*, esses dois trabalhos acabavam por demonstrar, de maneiras diferentes, a sofisticação da poesia ovidiana de exílio (seja pelos diálogos intertextuais com obras da tradição, seja pelo refinamento da organização retórica das elegias). Nesse sentido, eles forneciam elementos para refutar a ideia de a poesia de exílio constituir um declínio ou uma decadência na produção de Ovídio, precisamente o tipo

3 Para a ideia de Ovídio como um protótipo do poeta banido e precursor da literatura de exílio, bem como para sua recepção posterior, ver Ingleheart (2011, p. 1-19), André (1992, p. 57-98) e Alcides (2003, p. 77-108).

de questão que eu pretendia problematizar em minha pesquisa.

Ingressei no mestrado em 2014 e, no fim de 2015, defendi a dissertação intitulada *As metamorfoses do Eu e do Texto: o jogo ficcional nos Tristia* de Ovídio (AVELLAR, 2015). Para discutir as questões propostas, foi selecionado um *corpus* de análise que contemplava 17 elegias dos *Tristia*, escolhidas por conterem comentários metapoéticos responsáveis por suscitar reflexões acerca do processo de escrita e da poesia, elegias essas que foram traduzidas na ocasião. Já naquele momento, eu tinha uma preocupação em explorar, na tradução para o português, aspectos formais característicos do estilo ovidiano, ainda que não objetivasse realizar uma tradução metrificada:

Nossa presente tradução, embora sem pretensões literárias, tenta destacar alguns elementos poéticos da obra e do estilo ovidianos, como o uso frequente de aliterações, figuras etimológicas, trocadilhos e jogos de palavras. Ela foi feita em versos livres, de modo a possibilitar a remissão ao texto latino por meio da correspondência na numeração dos versos [...] (AVELLAR, 2015, p. 28).

No ano seguinte, ingressei no doutorado, também no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da UFMG, com a proposta de traduzir integralmente os *Tristia*, em prosseguimento às traduções empreendidas no mestrado, e, paralelamente, desenvolver um estudo teórico-crítico sobre a obra, ambos reunidos na tese *Uma teoria ovidiana da literatura: os Tristia como epitáfio de um poeta-leitor* (AVELLAR, 2019). O ponto de partida das investigações era demonstrar que, ao contrário da ideia de ruptura geralmente atribuída à poesia de exílio ovidiana, os *Tristia* empreendem, na verdade, uma retomada das obras precedentes do autor, de modo a constituir “uma espécie de selo de fechamento, uma *sphragis* do conjunto da produção ovidiana” (AVELLAR, 2019, p. 192; 2023, p. 200), ao modo de um epitáfio, assinalando seu princípio de continuidade.

A tese destacou que as produções anteriores do autor são citadas, relidas e reinterpretadas de forma retrospectiva nos *Tristia*, segundo o novo ponto de vista oferecido pelo exílio, e que, ao mesmo tempo, os versos de exílio, de modo prospectivo, incorporam vários elementos compositivos e estruturais anteriormente presentes nas produções ovidianas. Por meio de um sofisticado processo de autorrecepção, o próprio poeta torna-se leitor de suas obras e, com base nesses comentários críticos e reflexivos presentes nos *Tristia*, foi possível depreender da obra teorias sobre a própria poesia e construir aquilo que denominei uma “teoria ovidiana da literatura”.

Ora, entendendo o processo tradutório como uma interpretação possível (entre várias outras igualmente válidas), minha tradução dos *Tristia* teve como objetivo colocar em foco, precisamente, elementos da poesia ovidiana (como a metapoesia, a ironia, a autorrecepção) que foram discutidos ao longo da tese e que particularizam a poesia de Ovídio.⁴ Ela não foi guiada por teorias preexistentes acerca da tradução ou do processo tradutório, mas se fundamentou na “teoria ovidiana” desenvolvida no estudo teórico e interpretativo elaborado na tese e baseada nos comentários metapoéticos de Nasão e nas reflexões e teorias implícitas colhidas de sua poesia. Nesse sentido, além de se preocupar com aspectos linguísticos (por exemplo, as questões gramaticais envolvidas na versão do latim para o português) e formais (uso de aliterações, jogos de palavras e trocadilhos característicos do estilo ovidiano) do texto de partida, a tradução buscou levar em conta, especialmente, as ideias sobre poesia e poética construídas no interior da obra, a fim de considerá-las uma das diretrizes para o exercício tradutório.

Com efeito, um dos traços mais marcantes da poesia de Ovídio, presente já na obra inicial dos *Amores*, consiste em seu caráter metapoético.

4 A esse respeito, vejam-se os esclarecimentos gerais sobre a tradução e seus critérios em Ovídio; Avellar (2023, p. 22-24).

São frequentes as menções aos componentes dos poemas, como o “verso” (*uersus*), o “metro” (*modus*) e o “pé” (*pes*), ou as referências ao gênero elegíaco, suas características e particularidades, como o caráter “leve” (*leuis*), “tênue” (*tenuis*), “suave” (*suavis*) ou “macio” (*mollis*). Esses adjetivos, considerados programáticos para descrever a elegia, geralmente em oposição ao gênero épico (BOYLE, 1993, p. 5), são empregados nas produções ovidianas não apenas para caracterizar os próprios poemas, mas também outros elementos de coloração elegíaca. Assim, nos *Amores*, a túnica da amada é designada como “transparente” [*rara*] (OVÍDIO, *Am.*, I, 5, 13); e a túnica da Elegia personificada como mulher é “finíssima” [*tenuissima*] (OVÍDIO, *Am.*, III, 1, 9).

Além das referências à elegia e do emprego de adjetivos programáticos, nos *Tristia* são recorrentes as apreciações de Nasão acerca de suas obras precedentes e, ainda, dos próprios versos de exílio. Apenas a título de exemplo, a elegia I, 7 é inteiramente dedicada a comentar sobre as *Metamorfoses* e sua incompletude enquanto poema, finalizando com seis versos ao modo de epígrafe a ser acrescentada a essa obra anterior. As elegias I, 3, I, 6, III, 3 e V, 14, que mencionam a esposa de Nasão, assim como as elegias em forma de carta, estabelecem paralelos com as *Heroides*.

Diante disso, utilizo o termo “metapoético” para designar poemas que têm um forte caráter metalinguístico e, portanto, por meio da expressão poética, empreendem reflexões sobre a poesia, sejam elas diretas, sejam indiretas. Ao discutir a poesia didática antiga, Katharina Volk (2002, p. 9) faz uma distinção terminológica entre poema “autoconsciente”, poema “metapoético” e poema “autorreferencial”.⁵ Nos *Tristia*, muitas vezes os três âmbitos identificados pela estudiosa se misturam e aparecem

5 A estudiosa usa o termo “autoconsciente” para “fazer referência à poesia que se identifica explicitamente como poesia”; “metapoético” é empregado para “descrever qualquer expressão poética que faz referência implícita ou explícita à poesia, seja a um poema em particular, seja à poesia em geral”; e “autorreferencial” denota “qualquer expressão que refere a si mesma” (VOLK, 2002, p. 9, tradução nossa) – *I use ‘self-conscious’ to refer to poetry that explicitly identifies itself as poetry. [...] I employ ‘metapoetic’ to describe any poetic utterance that I understand as making explicit or implicit reference to poetry, either to the particular poem or to poetry in general. [...] Finally, ‘self-referential’ denotes, not surprisingly, any utterance that refers to itself.*

imbricados uns nos outros. A metapoesia, quando associada ao processo de autorrecepção, adquire coloração “autoconsciente” (por exemplo, nos comentários e interpretações que Nasão faz de suas obras anteriores) ou “autorreferencial” (quando ele comenta sobre os próprios versos de exílio).

Não pretendo ater-me ao rigor dessas definições terminológicas, mas prefiro pensar em uma categorização mais abrangente de comentários metapoéticos (ou metaliterários) presentes na obra, os quais contribuem para a construção de “poéticas implícitas”, que, em última instância, constituem teorizações sobre a poesia em geral e sobre a poesia dos *Tristia*. Com efeito, conforme destaca Brandão, ao retomar de Miner (1996) o conceito de “poética implícita”, podem ser observadas, já no contexto das produções de Homero e Hesíodo, “poéticas implícitas” sendo constituídas no interior dos textos literários: “por meio desses enunciados metalinguísticos, o que o poeta faz é refletir sobre seu fazer (seu *poieîn*, sua poética) explicitando o que tacitamente se pressupõe” (BRANDÃO, 2015, p. 29).

Numa perspectiva semelhante, Farrell (2003), ao abordar a questão dos gêneros literários na Antiguidade, discute as inúmeras divergências existentes entre teoria e prática, de modo a contrastar as descrições dos teóricos antigos (retóricos, gramáticos ou filósofos), que geralmente faziam interpretações literais das afirmações dos poetas, com a própria prática dos poetas. De acordo com ele, “a ‘teoria implícita’ fundamentada na poesia antiga é muito mais sofisticada do que a teoria explícita desenvolvida por filósofos e críticos literários e aparentemente adotada pelos próprios poetas em seus manifestos e declarações programáticas” (FARRELL, 2003, p. 402, tradução nossa).⁶

Assim, com base tanto nas afirmações e comentários metapoéticos

6 [...] the “implied theory” instantiated in ancient poetry is far more sophisticated than the explicit theory developed by philosophers and literary critics and apparently espoused by the poets themselves in their manifestoes and programmatic declarations.

explícitos quanto na teoria implícita depreendida dos versos dos *Tristia*, foi possível construir na tese uma “teoria ovidiana da literatura”, que serviu como um dos critérios orientadores para a tradução da obra. A análise literária dos versos de exílio e o estabelecimento de diálogos intertextuais (ou autotextuais) entre os *Tristia* e as produções ovidianas pregressas forneceram elementos para uma compreensão mais ampla da obra de Ovídio e para a identificação de traços constituintes de sua poética, os quais foram colocados em destaque na tradução efetuada. Uma vez que Nasão empreende reflexões sobre a poesia e teoriza sobre ela nos próprios poemas, pareceu-me uma alternativa proveitosa propor uma tradução dos *Tristia* que pudesse, de modo semelhante, suscitar reflexões sobre o próprio processo tradutório, ao colocar em realce o elemento metalinguístico tão significativo no fazer poético ovidiano.

Quanto aos aspectos formais, conforme será possível notar nos trechos citados nas próximas seções, minha tradução buscou recriar algumas figuras características do estilo ovidiano e o tom suave do gênero elegíaco. Para isso, foi explorada principalmente a sonoridade em português, por meio do emprego de assonâncias, aliterações, figuras etimológicas ou paronomásias. Além disso, foram usadas rimas internas, rimas toantes e, em alguns casos, rimas perfeitas em fim de verso, especialmente nas passagens em que desejei destacar algum aspecto metapoético relevante. Para obter um tom suave, foram evitadas, quando possível, as perífrases verbais e foi dada preferência à ordem direta em português, com emprego expressivo apenas de hipérbatos mais brandos.

Gêmeos para Ovídio e a gestação de uma publicação

Uma metáfora bastante frequente nos *Tristia* para designar as relações entre a personagem do poeta exilado e seus livrinhos é a imagem de pai e filho. Nasão se autodenomina “pai” (*pater, parens*) de seus livros,

referidos como “filhos” (*nati*) ou considerados “irmãos” (*fratres*) entre si. Na elegia de abertura, quando o eu poético dirige-se a seu livro ao enviá-lo para Roma, dando-lhe conselhos e orientações, essa metáfora é explorada:

*Cum tamen in nostrum fueris penetrabile receptus,
contigerisque tuam, scrinia curua, domum,
aspicies illic positos ex ordine fratres,
quos studium cunctos euigilauit idem. [...]
Deque tribus, moneo, si qua est tibi cura parentis,
ne quemquam, quamuis ipse docebit, ames.*
(OVÍDIO, *Tr.*, I, 1, 105-108; 115-116)

Quando, porém, fores acolhido em meu refúgio
e atingires tua casa, estojo cilíndrico,
ali verás, postos em sequência, teus irmãos,
que o mesmo zelo, a todos, compôs em vigília. [...]
Dos três, se te preocupas um pouco com teu pai,
advirto:
não ames nenhum, embora eles próprios o ensinem.
(tradução de Júlia Avellar, 2023, p. 35)

Os “irmãos” referidos na passagem são os três livros da *Ars amatoria*, considerada uma das causas do suposto exílio.⁷ Devido à punição motivada pelos versos amorosos, Nasão recomenda aos livrinhos enviados desde Tomos até Roma que eles mantenham distância dos três livros da *Ars amatoria*, tidos como culpados pela “morte” metafórica de seu pai com a condenação ao banimento. Em outros excertos dos *Tristia*, essa relação de pai e filho é acompanhada de uma noção de descendência ou linhagem entre o poeta e sua obra, de forma a assinalar a continuidade entre um e outro:

7 Nasão menciona, em outra elegia dos *Tristia*, que sua rejeição teria resultado de “dois crimes: um poema e um erro” – *duo crimina, carmen et error* (OVÍDIO, *Tr.*, II, 207). O *error* não é em momento algum esclarecido, tendo dado margem para as mais variadas confabulações entre os estudiosos. Para algumas possibilidades do que teria sido o *error*, ver André (2008, p. IX-XV); Claassen (2008, p. 3); Avellar (2015, p. 15-16). O *carmen*, no entanto, é usualmente identificado com a *Ars amatoria*, poema didático com ensinamentos sobre o amor, a conquista, a sedução e o adultério. Tal identificação é reforçada pelo fato de o segundo livro dos *Tristia* consistir em uma defesa dessa obra amorosa.

*Saepe per extremas profugus pater exulat oras,
Vrbe tamen natis exulis esse licet.
Palladis exemplo de me sine matre creata
carmina sunt: stirps haec progeniesque mea est. [...]
Tres mihi sunt nati contagia nostra secuti;
cetera fac curae sit tibi turba palam.*
(OVÍDIO, *Tr.*, III, 14, 11-14; 17-18)

Se um pai se expatria, desterrado ao fim do mundo,
seus filhos, porém, podem viver em Roma.
Como Palas, sem mãe de mim foram gerados
os poemas: são minha estirpe e descendência. [...]
Três de meus filhos com meu mal contaminaram-se;
cuida abertamente da turba restante.
(tradução de Júlia Avellar, 2023, p. 145)

Ao analisar a elegia I, 1, que também traz uma identificação inicial entre o autor e sua obra, Mordine (2010, p. 525) considera tratar-se de um procedimento retórico: embora a *persona* do livro seja inicialmente constituída como um segundo “eu” em relação ao poeta, ao mesmo tempo, em outras passagens, Ovídio ironiza essa igualdade, apresentando uma imagem altamente complexa do livro e de sua relação com seu autor e seu leitor. Isso fica reforçado pelas diferentes *personae* assumidas pelo livro ao longo da obra.⁸ Por exemplo, além da metáfora de pai e filho, também é recorrente a imagem do amo/senhora (*dominus*) e do escravo liberto (*liber*) para descrever as relações entre Nasão e seu livro. Exemplo disso são os versos iniciais da obra: *Parue – nec inuideo – sine me, liber, ibis in Vrbem./ Ei mihi, quod domino non licet ire tuo!* (Ovídio, *Tr.*, I, 1, 1-2) – “Livrinho – não te invejo – sem mim irás a Roma./ Ai de mim, pois não é lícito ao teu amo ir!” (tradução de Júlia Avellar, 2023, p. 29).

Nesse caso, a imagem ainda repousa sobre um trocadilho com o

8 A respeito do processo de antropomorfização do livro e os vários papéis assumidos por ele nos *Tristia*, ver Avellar (2015, p. 176-203) e Mordine (2010).

termo latino *liber*, que pode designar tanto o substantivo “livro” (*liber*) quanto o adjetivo “livre”, “liberto” (*liber*). Assim, Nasão exilado, assumindo um papel de *dominus* em relação ao seu livro, liberta-o a fim de que ele possa dirigir-se a Roma. Mordine (2010, p. 534) analisa em detalhes o papel de escravo liberto desempenhado pelo livro na elegia inicial dos *Tristia* e, de acordo com ele, o ato de manumissão de um escravo (*liber*) é apresentado como análogo ao procedimento de publicação de um livro (*liber*).⁹ Hinds (1985, p. 13-14), além disso, acrescenta que o trecho inverte a relação entre senhor e escravo, pois, por um lado, o livro está livre para voltar para Roma, por outro, isso não é permitido (*non licet*) ao poeta.

A esse jogo de palavras com o termo *liber*, discutido pelos dois estudiosos, caberia ainda mencionar uma terceira possibilidade de interpretação do trocadilho, relacionando-o ao termo *liberi* com o sentido de “filhos”. Ainda que essa forma plural não ocorra na obra (há uma preferência pelo vocábulo *nati* para designar os livrinhos como filhos), ela é evocada pela recorrência da imagem de Nasão como pai e pela aproximação sonora com o termo *liber* (“livro”).

Aproveitando essas metáforas exploradas nos versos de exílio, minha tradução dos *Tristia/Tristezas* poderia ser considerada um livro gêmeo, pois foi publicada concomitantemente com o estudo teórico-crítico sobre a poesia de Ovídio que desenvolvi no doutorado. Os dois livros irmãos resultaram da minha tese, defendida em 2019. No ano seguinte à defesa, tive a gratíssima alegria de receber o Prêmio UFMG de Teses 2020, pela melhor tese do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, e menção honrosa no Prêmio Antonio Candido de Teses e Dissertações da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística). A posterior transformação da tese em livro somente foi

9 Mordine (2010, p. 534) aponta a ambiguidade dessa relação entre o poeta e sua obra: por um lado, ao se colocar na posição de *dominus*, o poeta se apresenta como responsável pelo seu livro; por outro, ao enviar o livro-escravo para Roma, este se torna livre e autônomo em relação ao poeta.

possível graças ao valioso auxílio do Pós-Lit, que, em 2021, concedeu apoio financeiro integral para a publicação do trabalho (assim como para teses premiadas em outros anos), colocando-me em contato com a editora Relicário, de Belo Horizonte.

Com dez anos de existência, a Relicário possui duas principais linhas editoriais: uma voltada para a literatura, com a publicação de textos literários nacionais e traduções de textos estrangeiros, e outra dedicada à publicação de estudos e obras nas áreas de filosofia, teoria e crítica literária, artes e humanidades em geral.¹⁰ Além de a editora estar atenta às discussões teóricas mais recentes desenvolvidas nessas áreas, abrindo-se para a publicação de conhecimentos produzidos no âmbito acadêmico universitário, chama a atenção, em seu catálogo de obras, a significativa presença de autoras mulheres e de temáticas relacionadas com o feminino. Apenas para citar alguns nomes do âmbito literário, entre as autoras estrangeiras publicadas, encontram-se Alejandra Pizarnik, Anne Carson e Marguerite Duras; em contexto nacional, Adriana Lisboa, Ana Martins Marques, Laura Erber e Mônica de Aquino.

Assim, em parceria com a equipe coordenada pela editora Maíra Nassif, ao longo de quase dois anos, foi gestada a transformação da tese em livro e sua publicação. Um primeiro ponto de negociação, muito bem acolhido pela editora e definido desde o início, foi a sugestão de desmembrar a tese, devido à sua longa extensão, em dois volumes: um deles consiste na edição bilíngue contendo a tradução dos *Tristia*, acompanhada por uma introdução e notas explicativas; o outro contém o estudo teórico-crítico sobre a obra. Além da vantagem de serem dois livros menores (em vez de um volume único que teria mais de setecentas páginas), havia também a possibilidade de cada uma das publicações contar com públicos diferentes, em contraste com o volume único, que teria um público de interessados

10 Para mais informações acerca da editora e seus livros, ver: <https://www.relicarioedicoes.com/>. O site da Relicário conta ainda com um blog com colunas sobre algumas de suas publicações.

mais restrito e específico, centrado nos estudiosos da área de Clássicas. Com a alternativa de volumes distintos, a tradução, por exemplo, pode atrair interessados em poesia ou literatura de exílio em geral; o livro teórico-crítico, por sua vez, pode interessar aos estudiosos tanto de teoria literária quanto de literatura clássica. Com isso, ficou estabelecido um *duo* ovidiano: gerados de uma mesma tese, os dois livros gêmeos complementam um ao outro.

O estudo teórico-crítico manteve o nome original da tese, *Uma teoria ovidiana da literatura: os Tristia* como epítáfio de um poeta-leitor. Além da revisão do texto empreendida em parceria com o editor-assistente Thiago Landi, o livro contou ainda com o acréscimo de um prefácio elaborado por Matheus Trevizam, orientador do trabalho no doutorado, de orelhas escritas por Antônio Martinez de Rezende e de uma nota inicial, de minha própria autoria, apresentando as linhas gerais do estudo.

Por sua vez, o livro *Tristia/Tristezas* contém os textos em latim e em português organizados de forma espelhada e está munido de uma apresentação da tradução feita por Matheus Trevizam, de orelhas escritas por Heloísa Penna e de uma introdução à obra, elaborada por mim mesma, com o objetivo de contextualizar essa produção ovidiana e destacar suas principais características. A tradução também é acompanhada por notas explicativas sobre questões culturais, linguísticas, históricas, literárias e mitológicas, visando a esclarecer aspectos da Antiguidade para o público leitor.

Para esse segundo volume, foi escolhido um duplo título, não apenas para indicar que se trata de uma edição bilíngue, mas também a fim de gerar um efeito de espelhamento entre o nome da obra em latim e em português: *Tristia/Tristezas*. Uma vez que os adjetivos neutros plurais em latim podem ser substantivados, optei por traduzir o adjetivo *tristis* (“triste”, “desventurado”, “funesto”) como o substantivo de mesma raiz no português. Sonoramente, um termo ecoa no outro pela semelhança

inicial, e o vocábulo mais longo em português dá a impressão de um desdobramento do título original no título traduzido (aspecto que foi explorado na disposição dos termos na capa do livro).

Além disso, a escolha desse título duplo buscou colocar em destaque, por um lado, a ideia de metamorfose que perpassa as produções de Ovídio e, por outro, a ideia de metamorfose envolvida em qualquer tradução. O texto traduzido é, ao mesmo tempo, um outro e um mesmo em relação ao texto de partida, situando-se precisamente no ponto de tensão entre semelhança e diferença.¹¹ O contraste entre os dois termos – em línguas diferentes, mas semelhantes quanto à sonoridade – buscou dar ênfase a esse processo de transformação envolvido no processo tradutório.

A descrição elaborada aqui dos dois livros como *gemi(n)lib(eri)* não é fortuita. Ela se fundamenta em metáforas e jogos de palavras característicos da poesia de exílio ovidiana, agora colocados em prática no projeto editorial envolvendo a publicação do material. Nesse sentido, a ideia de uma “teoria ovidiana da literatura” serviu como orientação não só para a tradução realizada dos *Tristia/Tristezas*, mas também para a concepção dos dois volumes e sua organização. Assim, busquei pensar tais questões de modo alinhado com a “poética implícita” de Ovídio, a fim de que a publicação, como um todo, pudesse ter uma coloração ovidiana. A equipe editorial da Relicário, nesse sentido, foi bastante receptiva com relação às proposições de estruturação e organização dos volumes, num processo dialogado que procurou conciliar os interesses da autora/tradutora com as políticas da editora.

O caráter “ovidiano” dos dois livros fica reforçado pelas capas dos volumes, que se evocam mutuamente num contínuo pictórico, assinalando o vínculo de complementaridade entre elas. As capas foram elaboradas

11 A esse respeito, partilhamos da opinião de Martindale (1993, p. 86): *Translation, like interpretation, becomes rather a saying in other words, a constant renegotiation of sameness-within-difference and difference-within-sameness.* – “A tradução, como a interpretação, torna-se antes um dizer em outras palavras, uma constante renegociação do mesmo-na-diferença e da diferença-no-mesmo.” (tradução nossa).

por Tamires Mazzo, designer colaboradora da editora Relicário, com base na tela *Ovidiu în exil* (“Ovídio no exílio”), do pintor Ion Theodorescu-Sion (1882-1939). A escolha de uma pintura moderna para a capa de um livro de poesia clássica pretende gerar um contraste proposital e quebrar a expectativa por esculturas, afrescos ou mosaicos da Antiguidade como imagem de capa. Além disso, essa combinação de clássico e moderno materializa as ideias desenvolvidas no estudo teórico-crítico da tese, que colocou em diálogo os Estudos Clássicos e a Teoria da Literatura, assinalando elementos de modernidade na poesia de Ovídio e enfocando-a sob o viés da recepção. É também bastante significativo o fato de que o mencionado pintor é de origem romena, sobretudo porque o suposto exílio de Ovídio teria sido na cidade de Tomos, correspondente à atual cidade de Constança, na Romênia.

Assim, para a arte das capas, sugeri à editora um trabalho que fizesse um livro aludir ao outro, de modo a ressaltar sua gêmea proveniência de uma única tese. Na tradução *Tristia/Tristezas*, a proposta foi isolar a imagem do poeta, a fim de explorar, por meio da pintura, as ideias de solidão, melancolia e isolamento características da poesia de exílio ovidiana. No livro *Uma teoria ovidiana da literatura: os Tristia como epitáfio de um poeta-leitor*, a sugestão foi explorar os conceitos de metamorfose e multiplicidade, a representação do poeta que se desdobra sobre si mesmo para reler e reescrever a própria obra, pois foram temas e questões teóricas abordadas no estudo.

Com base nessas concepções vinculadas à poesia de Ovídio, repassadas para a designer Tamires Mazzo, ela elaborou as capas segundo a seleção de diferentes detalhes do mesmo quadro de Theodorescu-Sion, a fim de colocar em realce a continuidade entre os dois livros. Conforme suas palavras no prospecto com as opções de capa, no livro *Tristia/Tristezas*, ela deu ênfase para a pintura, colocando em destaque o poeta; no livro teórico-crítico, por sua vez, ela explorou a noção de metamorfose na pintura ao

deslocar, do plano de fundo para a frente, o mar, usando-o como metáfora para a transformação por estar em movimento e modificação constantes.

Diante disso, nasce um *duo* ovidiano, concebido e gestado para expressar aspectos em consonância com a proposta de uma “teoria ovidiana da literatura”, de forma a pensar não apenas a tradução do texto, mas também o projeto poético e a concepção de obra expressos na primeira coletânea de exílio constituída pelos *Tristia/Tristezas*. Assim, em face das queixas de Nasão devido ao isolamento e da impossibilidade de diálogo na situação de exílio, restando-lhe apenas a alternativa da escrita de elegias epistolares, esses livrinhos gêmeos podem ser vistos como uma resposta tardia, após mais de dois milênios, ao poeta distante e privado da pátria. Uma resposta que busca fazer ressoar sua voz e mantê-la viva na posteridade. Por isso, aos volumes enviados de Tomos para Roma, seguem em retorno dois volumes nascidos nas terras estrangeiras do Brasil, mandados de volta a Nasão para serem adotados: *Vadite salutatum Nasonem, gemini lib(eri), absentem!*¹²

Tradução como metamorfose e diálogo

O processo de tradução, necessariamente, envolve escolhas que acabam por privilegiar certos aspectos da obra traduzida e minimizar outros. Com efeito, nenhuma tradução é isenta; pelo contrário, pressupõe uma determinada interpretação do texto de partida. Uma vez que os sentidos de um texto não são unívocos, mas variam de acordo com o contexto e as práticas de leitura, também as possibilidades tradutórias são múltiplas, a depender das interpretações realizadas pelo leitor ou leitora desempenhando a função de tradutor ou tradutora.

Nessa perspectiva, compartilho dos posicionamentos teóricos

12 “Ide, ó livros/filhos gêmeos, saudar Nasão ausente!”. Esse trecho em latim é uma invenção nossa com base nos versos iniciais da elegia III, 7 dos *Tristia*, endereçada a Perila, enteada de Nasão: *Vade salutatum, subitò perarata, Perillam, littera* [...] – “Vai saudar Perila, carta às pressas escrita [...]” (OVIDIO, *Tr.*, III, 7, 1-2, tradução de Júlia Avellar, 2023, p. 123).

de Martindale (1993, p. 76), que entende a tradução como releitura ou interpretação da obra sendo traduzida: “a tradução é vista não como reproduzindo, mas (re)construindo o ‘original’, determinando os modos pelos quais é lido” (MARTINDALE, 1993, p. 89, tradução nossa).¹³ Ao construir um novo texto com base no texto de partida, a tradução direciona também sua leitura de acordo com os elementos que decidiu colocar em destaque. Essa consciência acerca do processo tradutório é importante para delinear uma concepção de tradução fundada não simplesmente em juízos de valor ou apreciações valorativas (tal tradução é mais “correta” ou “melhor”), mas alicerçada na noção de serem possíveis e válidas distintas traduções de um mesmo texto.

Na tradução proposta para os *Tristia*/*Tristezas*, foi dada ênfase ao caráter metapoético da poesia ovidiana e aos comentários reflexivos de Nasão nos versos de exílio. Desse modo, minha interpretação da obra buscou assinalar uma “teoria da literatura” (ou “poética implícita”) passível de ser construída com base nela, elemento que foi privilegiado, em termos práticos, na tradução. Por sua vez, em termos teóricos, é possível, além disso, apresentar reflexões acerca do processo tradutório segundo a poesia de Ovídio.¹⁴

Sob esse viés, duas ideias exploradas na poesia ovidiana de exílio – a metamorfose e o diálogo – podem ser reinterpretadas como metáforas para designar a tradução e os processos nela envolvidos. Nos *Tristia*, a noção de metamorfose impõe-se sobre o poeta e sua obra: o banimento teria instaurado uma transformação na sina de Nasão, tornando-o poeta exilado e fazendo-o compor versos de lamento pela rejeição. Mencionada junto

13 [...] *translation is seen not as reproducing but as (re)constructing the ‘original’, determining the ways in which it is read.*

14 Em outro estudo (AVELLAR, no prelo), explorei as possibilidades de se pensar uma “teoria ovidiana da tradução”, passível de ser construída com base nos comentários e reflexões acerca do contato linguístico ou do processo tradutório presentes na poesia de Ovídio, aspectos a que aludo neste artigo de forma breve. Na ocasião, explicito e desenvolvi a noção teórica proposta, comentando diversos excertos de obras elegíacas ovidianas. Além disso, também discuti a importância da metapoesia como elemento a ser considerado como uma das diretrizes para a tradução das obras de Ovídio.

da obra anterior das *Metamorfoses*, essa transformação adquire sentidos literários e atribui à poesia de exílio o estatuto de continuação da obra pregressa:

*Sunt quoque mutatae, ter quinque uolumina, formae,
nuper ab exequiis carmina rapta meis.
His mando dicas, inter mutata referrī
fortunae uultum corpora posse meae.
Namque ea dissimilis subito est effecta priori,
flendaque nunc, aliquo tempore laeta fuit.*
(OVÍDIO, *Tr.*, I, 1, 117-122)

Há ainda os quinze rolos das formas mudadas,
poemas há pouco arrancados de minhas exéquias.
Encarrego-te de lhes dizer que entre os corpos
mudados
pode-se contar o rosto de minha fortuna.
Pois ela de súbito se fez diversa da anterior,
lastimável agora, outrora foi próspera.
(tradução de Júlia Avellar, 2023, p. 35)

Conforme discuti ao analisar esse excerto em outra ocasião, os *Tristia* são apresentados pelo eu poético como uma sequência das *Metamorfoses*: “Diante do inacabamento atribuído ao poema precedente, Nasão se propõe a completá-lo com a narrativa das metamorfoses da personagem-poeta e do mito de seu desterro, fazendo com que as elegias dos *Tristia* constituam uma nova versão das *mutatae formae*” (AVELLAR, 2019, p. 246-247; 2023, p. 259). Carvalho (2010, p. 33) designa esse procedimento como um “processo de autoficcionalização”, em que Ovídio “torna-se personagem da própria obra”; e Hinds (1985, p. 21) sugere que o final das *Metamorfoses* deve ser reescrito a fim de passar a incluir a mudança na fortuna do poeta.

Essa imagem da transformação do poeta e de sua obra, amplamente explorada nos *Tristia*, pode ser reinterpretada como uma metáfora para se pensar a tradução. O processo tradutório já tem como pressuposto uma transformação linguística, pois o texto de partida torna-se outro

mediante a mudança de língua. Além disso, ao dar destaque a determinada interpretação do texto de partida, a tradução também o metamorfoseia de acordo com a interpretação empreendida por quem o traduz. Não obstante, esse “outro” materializado pelo texto traduzido mantém-se, em certa medida, ainda como “mesmo”, do contrário, seria perdido o vínculo que o define como tradução. Essa tensão entre alteridade e diferença perpassando o processo tradutório faz do texto traduzido um produto híbrido, que guarda elementos do texto ou da língua de partida, mas, ao mesmo tempo, constitui-se também como um outro. Nesse sentido, ele se aproxima dos seres cujas transformações são descritas nas *Metamorfoses* (e também de Nasão exilado), os quais guardam em si o hibridismo de corpos mudados que mantiveram, no entanto, algo de sua forma anterior.

A ideia de diálogo também consiste em um traço marcante dessa primeira coletânea de exílio. Diante da solidão e do afastamento de Roma e dos entes queridos em razão do desterro, Nasão amiúde se queixa de não possuir um interlocutor e estar cercado de povos bárbaros, com os quais não consegue comunicar-se: *Nullus in hac terra, recitem si carmina, cuius/ intellecturis auribus utar, adest.* (OVÍDIO, *Tr.*, III, 14, 39-40) – “Ninguém há nesta terra, se eu recitar poemas, de cujo/ ouvido apreciador eu possa me servir” (tradução de Júlia Avellar, 2023, p. 147). A escrita de elegias epistolares foi o meio encontrado por Nasão para, diante da impossibilidade de estar fisicamente em Roma, fazer-se presente por meio de seus versos e superar o isolamento por meio do diálogo: *sic ferat ac referat tacitas nunc littera uoces,/ et peragant linguae charta manusque uices* (OVÍDIO, *Tr.*, V, 13, 29-30) – “agora a carta leve e traga vozes silentes,/ e o papiro e a mão falem no lugar da língua” (tradução de Júlia Avellar, 2023, p. 229).

Conforme assinalado por Trapp (2003, p. 38-39), são traços do gênero epistolar a separação entre os interlocutores, o desejo de abolir essa distância e a estruturação ao modo de um fragmento de diálogo, que funcionaria como uma espécie de ponte entre remetente e destinatário.

Hardie (2002) ainda comenta que a poesia ovidiana é marcada pela ambiguidade entre presença e ausência, destacando o poder das palavras e dos nomes para criar ilusões de presença. Nesse contexto, os poemas dos *Tristia*, ao apresentarem elementos característicos do gênero epistolar, tornam-se uma via de diálogo para Nasão exilado.

Assim como as elegias em forma de carta, a tradução também é um meio que possibilita diálogos. Apenas a título de especulação ficcional, valeria imaginar que, se Nasão exilado encontrasse em Tomos um tradutor do latim para gético ou sármata (línguas trácias atribuídas aos povos da região), ele conseguiria comunicar-se linguisticamente com os habitantes.¹⁵ Ora, a tradução é capaz de expandir o alcance de um texto ao reconstruí-lo em outra língua. Ela confere a ele nova voz onde antes havia silêncio, ela permite o mútuo entendimento daquilo que era estranho e incompreensível. Dessa forma, ela se funda precisamente na abertura para o estabelecimento do diálogo e para as trocas por ele possibilitadas.

Por fim, cabe destacar que a tradução é capaz de introduzir na língua de chegada a presença de um texto até então ausente. Ela materializa a nova existência de um texto já existente, mas o repete de modo distinto, tornando-o um outro. Ela confere novo corpo ao texto de partida, fornecendo-lhe um duplo que, paradoxalmente, é diferente. Como o livrinho enviado desde as terras do Ponto, constituído enquanto imagem reiterada do poeta rogando pela permanência de seu corpo metafórico (pois corpo textual) em Roma: *Immo ita fac, quaeso, uatum studiose nouorum,/ quaque potes, retine corpus in Vrbe meum* (OVIDIO, *Tr.*, III, 14, 7-8) – “Faça-o, te peço, admirador dos novos poetas,/ como podes, mantém meu corpo em Roma” (tradução de Júlia Avellar, 2023, p. 145). Assim é a tradução: um novo corpo que repete o texto do autor, mas se transformando em outro por

15 Curiosamente, em algumas elegias dos *Tristia*, o eu poético representa a si mesmo em um processo de “barbarização” e afirma ter aprendido as línguas dos povos da região e até mesmo compor poemas em metros géticos (OVIDIO, *Tr.*, III, 14, 47-50). Em sua segunda coletânea de exílio, as *Cartas do Ponto*, Nasão afirma ter composto um poema inteiramente em gético, o qual recebera os aplausos dos povos da região (OVIDIO, *Pont.*, IV, 13).

intermédio do tradutor.

Referências

ALCIDES, Sérgio. *Estes penhascos*: Cláudio Manuel da Costa e a paisagem de Minas 1753-1773. São Paulo: Hucitec, 2003.

ANDRÉ, Carlos Ascenso. *Mal de ausência*: o canto do exílio na lírica do humanismo português. Coimbra: Minerva, 1992.

ANDRÉ, Jacques. Introduction. In: OVIDE. *Tristes*. Texte établi et traduit par J. André. Paris: Les Belles Lettres, 2008. p. VII-LII.

AVELLAR, Júlia B. C. de. *As Metamorfoses do Eu e do Texto*: o jogo ficcional nos *Tristia* de Ovídio. 2015. 320 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ECAP-A59FDP>. Acesso em: 25 mar. 2016.

AVELLAR, Júlia B. C. de. *Uma teoria ovidiana da literatura*: os *Tristia* como epítáfio de um poeta-leitor. 2019. 611 f. Tese (Doutorado em Letras: Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/30644>. Acesso em: 23 out. 2019.

AVELLAR, Júlia B. C. de. *Uma teoria ovidiana da literatura*: os *Tristia* como epítáfio de um poeta-leitor. Belo Horizonte: Relicário, 2023.

AVELLAR, Júlia B. C. de. Uma teoria ovidiana da tradução: reflexões sobre a prática tradutória a partir de Ovídio. In: AMARANTE, José; MARQUES JUNIOR, Milton (org.). *Tradução de poesia latina antiga no Brasil*. [no prelo]

BOYLE, Anthony J. Introduction: The Roman Song. In: BOYLE, Anthony J. (ed.). *Roman Epic*. London: Routledge, 1993. p. 1-18.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. *Antiga Musa: arqueologia da ficção*. Belo Horizonte: Relicário, 2015.

CARRARA, Daniel. P. *In non credendos modos: recursos retóricos e dissimulação no Livro II dos Tristia*. 2005. 93 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

CARVALHO, Raimundo N. B. *Metamorfoses em tradução*. 2010. 158 f. Relatório de Pós-Doutoramento – Faculdade de Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.usp.br/verve/coordenadores/raimundocarvalho/rascunhos/metamorfosesovidio-raimundocarvalho.pdf>. Acesso em: 10 out. 2023.

CLAASSEN, Jo-Marie. *Ovid Revisited: The Poet in Exile*. London: Duckworth, 2008.

FARRELL, Joseph. Classical Genre in Theory and Practice. *New Literary History*, Baltimore, v. 34, n. 3, p. 383-408, 2003.

HARDIE, Philip. *Ovid's Poetics of Illusion*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

HINDS, Stephen. Booking the Return Trip: Ovid and *Tristia* I. *Proceedings of the Cambridge Philological Society*, Cambridge, v. 31, p. 13-32, 1985.

INGLEHEART, Jennifer. Introduction: Two Thousand Years of Responses to Ovid's Exile. In: INGLEHEART, Jennifer (ed.). *Two Thousand Years of Solitude: Exile After Ovid*. New York: Oxford University Press, 2011. p. 1-19.

MARTINDALE, Charles. *Redeeming the Text: Latin Poetry and the*

Hermeneutics of Reception. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

MINER, Earl. *Poética comparada*. Tradução de Angela Gasperin. Brasília: Universidade de Brasília, 1996.

MORDINE, Michael J. “Sine me, liber, ibis”: The poet, the book and the reader in *Tristia* 1.1. *The Classical Quarterly*, Cambridge, v. 60, n. 2, p. 524-544, 2010.

OVID. *Tristia & Ex Ponto*. Translated by A. L. Wheeler. Revisado por G. P. Goold. Cambridge: Harvard University Press, 1996. (Loeb Classical Library 151)

OVIDIO. *As Metamorfoses*. Org. Mauri Furlan e Zilma Nunes. Florianópolis: Editora da UFSC, 2017.

OVIDIUS. *Amores. Epistulae. Medicamina faciei femineae. Ars amatoria. Remedia amoris*. R. Ehwald edidit ex Rudolphi Merkelii recognitione. Leipzig: Teubner, 1907.

OVIDIO; AVELLAR, Júlia B. C. de. *Tristia/Tristezas*. Edição bilingue. Tradução, introdução e notas de Júlia Avellar. Belo Horizonte: Relicário, 2023.

PRATA, Patricia. *O caráter intertextual dos Tristes: uma leitura dos elementos épicos virgilianos*. 2007. 421 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/394807>. Acesso em: 10 set. 2023.

TRAPP, Michael. Introduction. In: TRAPP, Michael. *Greek and Latin Letters: An Anthology with Translation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 1-47.

VOLK, Katharina. *The Poetics of Latin Didactic: Lucretius, Vergil and Manilius*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

Gemini Lib(e)ri for Ovid: the Tristia / Sadnesses from the dissertation to the book

Abstract: This paper presents an account on the translation process of Ovid's Tristia into Portuguese and its publication as a book. Considering translation as a kind of rereading or interpretation (MARTINDALE, 1993, p. 75), I discuss the translation process in close relation with literary analysis, in order to evince that my translation of Tristia was based on the idea of an "Ovidian literary theory" (AVELLAR, 2019; 2023) constructed after Naso's meta-poetic comments and remarks in exilic poetry. I use this same idea to present the conceptions involved on publishing the translation as a book. At the end, I offer some theorizations of the translation process grounded in the metaphors of metamorphosis and dialogue, two recurrent themes in Ovid's exile poetry. Keywords: Ovid. Tristia. Sadnesses. Translation. Meta-poetry.